N.° 272 Anno de 1829.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 267 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

QUINTA FEIRA 17 DE DEZEMBRO. *S. Bartholomeo de S. Gemenian o*

Preamar as 10 horas e 6 minutos da manhaã.

CORRESPONDENCIAS.

SNR. *Edictor.* — Em quanto o Cruzeiro, e Amigo do Povo Apostulos do Absolutismo pregaõ descaradamente contra a Constituiçaõ do Imperio, e seus Redactores passeaõ de colo levantado pelas ruas desta Cidade, infetando o ar que respiraõ, com escandalo de Deos, e dos homens, pela criminosa condescendencia do Sr. Promotor do Jury, que surdo aos clamores de todo hum Povo pouco se importa, que a Náo do Estado se submerja no tempestuoso mar da anarquia ; digamos alguma cousa sobre o communicado do Cruzeiro 173 escripto (segundo nos dizem) por hum dos homens, que mais mal tem feito a Provincia ; o maior inimigo dos Pernambucanos, e de todo o Brazil, pelo Dezembargador Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, outr'ora taõ liberal em Minas, e mesmo nesta Provincia, onde com enganos, e fingimentos pertendia ser eleito Deputado, sem nem hum merecimento.

Naõ foraõ as ideas liberaes, que fizeraõ a ruina do seu caro Portugal, e que reduziraõ-o ao deploravel estado em que se elle hoje está vendo : outras foraõ as causas de sua total decadeucia. O perfeito estado de nullidade a que foraõ reduzidas, com o andar dos tempos, as Corter de Lamego, ou Supplicantes compostas das tres classes do Estado, Clero, Nobresa, e Povo ; o nem hum caso, que seus máos Reys, e Ministros fizeraõ de suas Leys, e Megulamentos; a degeneraçaõ, e corrupçaõ dos costumes introdusida pelos grandes em todas as classes ; a privaçaõ das luzes ; a nenhuma liberdade de pensar, fallar, e escrever, e finalmente as fogueiras do Santo Officio ; eis as ponderozissimas causas de sua total ruina.

A decadencia, e ruina dos Estados, diz o Conde Volney, he devida aos máos Governos. Se as ideas liberaes operassem no sentido do communicado do supra citado Cruzeiro, isto he ; para que as Nações perdessem seu explendor, gloria, e poder, nenhuma outra seria mais pequena, pobre, e estupida, do que os Estados Unidos ; porem quem se da' ao trabalho de ler a historia d'este Povo, e vê a progressiva grandesa deste Paiz, naõ pode deixar de confessar, e convencer-se, que só as idéas liberaes, e hum Governo cujos alicerces saõ fundados sobre os eternos principios de justiça, e igualdade ; e os inalienaveis, e imprescriptiveis direitos do homem, como he aquelle e o nosso ; e que se dirije por huma sabia Constituiçaõ, que tem dividido os poderes, marcando os direitos, e deveres dos Governantes, e Governados, pode fazer huma Naçaõ grande, poderosa, respeitavel, e feliz ; e ellevala a aquelle grão de prosperidade de que ja gosa aquella, e para o qual a Providencia parece nos tem destinado. E taõ intimamente convencido esta' S. M. I. da verdade d'estes principios, que, quando se poz a frente da Revoluçaõ para a Independencia do Brazil, foi o primeiro que os proclamou, expendendo-os segunda vez em 1828 na proclamaçaõ aos Portuenses.

Se as idéas liberaes causassem a decadencia, e a ruina dos Estados, em França, e Inglaterra onde ellas estaõ recebidas, e cujos Governos saõ Constitucionaes, o commercio naõ hiria em augmento, a agricultura naõ floreceria, a industria naõ estaria em seu auge, as sciencias naõ fariaõ rapidos progressos, e os Povos viviriaõ descontentes como os de Constantinopla, Napoles, Hespanha, e Portugal. Neste Paiz a honra esta sendo

aniquilada, a verdade abatida, a Religiaõ despresada, a moral pervertida, os Templos saõ roubados, os palacios destruidos, as familias dispersas, as casas saqueadas, as cadeas amontoadas com vitimas que diariamente saõ levadas ao cadafalso; e a causa de tantos males e horrores saõ as idéas liberaes? He o Governo absoluto.

Pergunta o Autor do communicado — Devemos dizer que viviamos debaixo de hum Governo absoluto porque naõ tinhamos como hoje Camera Municipal, hum Conselho, Juizes de Paz, e seus Supplentes? (Ahi, ahi he que lhe aperta a charneira da fivela.) Por ventura (continua elle) naõ temos nos hoje tantas necessidades, que naõ vemos satisfeitas, a pezar de tantas moçoens, de tantos apoyados, e tantas formalidades. — D'aqui se pode ajuizar o estado de desgraça, e aviltamento a que tinhamos chegado debaixo da dominaçaõ Portuguesa, que todas essas Cameras Municipaes, Conselhos, Juizes de Paz, e seus Supplentes ainda saõ poucos para satisfazer as necessidades de hum Povo, que por sua infelicidade ainda hoje tem huma Camera municipal composta (exceptuando os Srs. Joze Ramos de Oliveira, Felippe Neri Ferreira, Manoel Zefirino dos Santos, e Thomas Lins Caldas) de vendelhões, mascates, negociantes quebrados, e advogados da ultima classe. Mais lastima o bom Povo desta Provincia os dias que perde assentado em hum banco na escada do Dezembargador Antonio de Azeveda Mello e Carvalho, e do seu collega Gustavo Adolfo de Aguilar, cujo mao comportamento tem chamado contra si as mesmas pedras das ruas do que o tempo que vôa, e se gasta so em termes vagos, e lugares cominuns.

Naõ admira que aquelle orgulhoso absolutista se anime a encomiar hum bebado, como o General Luiz do Rego Barreto, sem Religiaõ, nem moral; mào amigo, peor pai, e pessimo marido: hum despota que conculcava as Leys; que surrou homens livres, metendo outros em ferros: que ensangoentou os montes de Olinda, e saqueou os Affogados, apontando-o, como hum genio creador, e pondo-o a par de D. Thomas Joze de Mello, e Caetano Pinto de Miranda Monte Negro, quando tem o desaforo de dizer — O Rey mesmo o Sr. D. Joaõ 6.º nosso sempre amado, e lembrado Soberano. Longe va tal agoiro. Oh do Promotor do Jury alerta!! Nosso amado Soberano, desde o feliz, e sempre memoravel dia 7 de Septembro de 1822. he o Sr. D. Pedro 1.º a quem os Brazileiros acclamaraõ seu Imperador Constitucional, naõ por esse direito de legitimidade que so val na Europa, e de que tanto nos falla o Cruzeiro, e Amigo do Povo, se naõ por suas virtudes, e serviços feitos ao Brazil na Gloriosa Epoca de sua Independencia, e naõ o Sr. D. Joaõ 6.º — Sou, Sr. Edictor

De Vm.
Atento Venerador
Hum Liberal.

SNR. *Edictor.* — Importaõ-me pouco todas as invectivas, e calumnias do Cruzeiro e Amigo do Povo, porque Pernambuco nos conhece, e todo o Brazil sabe a que fim se dedicaõ esses dous Periodicos, o Publico pois me fara' justiça sem que me seja necessario tomar o enjoativo trabalho de os refutar, e muito menos de entrar com elles em contendas de regateiras. Como porem o P. Barreto, ou algum seu semelhante da sucia, sob o nome de — Argos dos Farroupilhas — me increpa de hum facto, de que o Publico quaze naõ tem conhecimento, principalmedte no ponto principal, em que mentiraõ, justo he que o refira tal como foi para seu conhecimento.

He o cazo. Tendo aparecido em o Diario de Pernambuco em 1827 huma correspondencia assignada — O Matuto — na qual em vez de por principio algum offender-se os membros do Conselho de Guerra, que estava julgando a Joze Jeronimo pelas arbitrariedades, por elle commettidas na Villa de Goiana, pelo contrario se prevenia o mesmo Concelho de que o bachá contava ja com a absolviçaõ, e dizia publicamente que com dinheiro a obtivera; os Membros do Concelho longe de se indignarem contra quem deviaõ, maxime quando ao menos hum delles sabia, que Joze Jeronimo com effeito os abocanhava taõ vilmente, conspiraraõ-se contra o author da carta, e em lugar de procederem na forma da lei, dirigiraõ ao Excellentissimo Prezidente huma reprezentaçaõ, que por elle foi enviada ao Ouvidor do Crime para este proce-

der (dizia o Excellentissimo Prezidente) na forma da Lei. O primeiro passo errado acarretou outros muitos, e quaze todo este processo foi informe ; por quanto o Ouvidor do Crime, entaõ o Dezembargador Faria, procedendo em quaze tudo a seu arbitrio, e instado (como se me asseverou) por Joze Jeronimo, para saber quanto antes quem era o author da carta, de quem queria tomar huma vingança particular, mandou-me notificar para comparecer em sua caza, e ahi me intimou a ordem de aprezentar o authografo da carta em questaõ, sem ao menos me dizer para o que ; respondi-lhe como era do meu dever, e do que lhe disse mandou passar pelo respectivo Escrivaõ huma certidaõ ; a vista de tal arbitrariedade, e do pouco respeito que tinha a Lei aquelle Dezembargador, o author da carta recioso, naõ della, e sim dos effeitos da colera de hum desavergonhado, houve-se comigo, para naõ ser publicada a sua assignatura, e lançou maõ do recurso de aprezentar-se huma assignatura de pessoa desconhecida, e me deu essa, que existe nos autos reconhecida competentemente. No seguinte dia fui novamente notificado para o mesmo fim, e depois de grande altercaçaõ com o Dezembargador, convim por naõ lhe entrarem na cabeça razões algumas, em aprezentar o authografo antes do devido tempo, e o fiz. O processò continuou, e o Juri declarou *naõ conter motivo de processo o impresso em questaõ* ; ficando assim de nenhuma monta a assignatura do authografo : he esta a verdade, e ainda hoje existem pessoas que prezenciaraõ tudo isto, e dos autos consta a absolviçaõ, que completamente destroe a asserçaõ do mentiroso *Argos*. Ja de outras vezes respondi ao Juri em cazos, que pareciaõ mais intrincados, e naõ aprezentei degredados como responsaveis ; pelo contrario o Cruzeiro e Amigo do Povo se naõ tem cartas assignadas por degradados, firma-se em couzas peiores, e o anno vindoiro nos desenganará, sem que seja necessario occorrer a circunstancia de se forçar a aprezentar authografos antes do termo devido, o que todos vêm quantas desgraças acarretaria : quando entaõ aparecerem os Redactores dos Periodicos de Pernambuco, provavel he e ate' muito justo, que se olhe para os famulos da caza, e que conforme a conducta destes se portem os hospedes, pela regra de – tal terra andar, tal paõ manjar. Penso. que me entendem.

Nesta occasiaõ devo declarar a essa gente, que o seu sistema de terrorismo naõ obra sobre mim ; que aprezentem quando quizerem essa carta, de cuja infame aprehensaõ tanto blasonaõ, porque me naõ envergonho, nem receio de collaborar em hum Periodico, que se naõ dirige contra o sistema de governo adoptado e jurado no meu paiz.

Tenho dito quanto he bastante. Sou Snr. Edictor.

Seu amigo.

Antonino Joze de Miranda Falcaõ.

———⊕———

SNns. *Redactores* – O Artigo – Interior – da sua Folha N.° 243 me obrigou a serias reflexões, observando a que perigos está exposta a minha Patria, e o *sanssouci*, com que se olha para tudo isto. Porem meditando sobre as diversas hypotheses, que Vms. apresentaõ como provaveis, para explicarem os symptomas, que estaõ diante dos nossos olhos, e que indicaõ hum trama, qualquer que elle seja ; naõ posso inclinar-me para nenhuma das explicações, que alli se offerecem. Absolutismo fôra loucura, mudança na Constituiçaõ naõ menos, e sem appoio das Camaras seria impossivel ; distracçaõ ao espirito publico, com que perigo ! arriscar-se-hia tanto para resultado taõ mesquinho ?

Quanto a mim, o plano naõ pode ser outro, se naõ ir preparando as cousas, para facilitar nas provincias eleições em sentido ministerial, caso os Magnatas consigaõ fazer dissolver a Legislatura de 1830, como por ahi se diz que pretendem. He com huma Camara escrava, com hum Corpo Legislativo, como o dos mudos de Napoleaõ, que se poderá obter esse córte na Constituiçaõ, que parece ter-se em vista. As provincias devem pois estar álerta, para que, se triumphar a intriga e chegarem a abusar das intenções puras do Monarcha, movendo-o a dissolver a Camara (o que supponho muito difficil, considerado o caracter do Grande PEDRO, e franqueza, com que trabalha na prosperidade, e gloria do Brazil) sejaõ reeleitos tosdos os Deputados, que por seus sentimentos, e conducta liberal tem dado hypotheca de que naõ seraõ meros authomatos, promptos a re-

ceber de caza dos Ministros *ás suas opiniões já feitas.*

Consta-me que alguns Srs. Deputados, dos que naõ foraõ reeleitos para 1830, blasonaõ de que seraõ comprehendidos na nova eleiçaõ, logo que tenha lugar a dissoluçaõ pertendida; porque as medidas estaõ bem tomadas, os comparces espalhados por varios pontos, &c., porem julgo que esses Srs. se enganaõ. O Brazil os conhece demasiado, para que se lembre de homens, que taõ indignamente trahiraõ a sua propria consciencia, e os principios, que haviaõ proclamado, ou que manchavaõ o brilho da Representaçaõ Nacional sò com o seu nome, alvo do opprobrio, e objecto do desprezo publico. Naõ direi que pertençaõ a esta classe, hum Sr. Malaquias, huns Srs. Castro Vianna, Queiroz Careira, Leitaõ d' Almeida, Bricio, &c. porem que Brazileiro os quererá mais para seus Deputados?

O espirito humano difficilmente retrograda, e como em 1830 estarà o Povo do Brazil menos illustrado, e culto do que estava em 1828, para ir lançar mão de homens, que com tanta justiça deixou entaõ no esquecimento? Dir-me-haõ que a i•triga pòde muito; que a boa fê do Povo tambem se illude; que he sempre costume nestas occaziões fingir conspirações descorbertas, perigos imaginarios, para ter os Cidadãos assustados, forçal-os a lançar-se nos braços do Poder; e para dezacreditar aquelles, cuja presença se recea na Camara, e que se designaõ como formidaveis conspiradores, jacobinos, inimigos do trono, &c.

He por isso que eu dezejaria que se fossem desde jà dispondo os espiritos, para semelhantes circunstancias, fazendo lhes conhecer que os amigos do Povo sò podem ser aquelles, cujo carater independente os torna capazes de manter huma resistencia legal, e de oppor huma alma forte às suggestões, seducções e ameaças de quem tem nas mãos as honras, as graças, os empregos, em fim a força da sociedade. Estejaõ os Brasileiros promptos, na hypothese de huma dissoluçaõ em 1830, para reunirem outra vez os seus voltos naquelles, que se tem mostrado dignos da sua confiança; nem esperem que timidos escravos possaõ defender as suas Liberdades.

Hum Cidadaõ.

(*Da Aurora Fluminense.*)

EDITAL.

A Camara Municipal da Cidade de Olinda, manda fazer publico, que se achaõ afixados Editaes para ser arrematado a quem por menos fizer no dia 19 do corrente mez de Dezembro a tapage do aterro do varadóro, avaliada em 819$720 reis, e outro sim abertura do paredaõ do mesmo varadouro, e augmento das paredes, que forem necessarias; e hum pequeno conserto no caes da parte da maré; levando por cima da dita abertura do paredaõ huma ponte de madeira avaliado tudo por 540$880 reis, segundo o novo plano do Engenheiro, que se acha em maõ do abaixo assignado para quem quizer ver na certeza de que se offerece metade a vista a quem arrematar. Olinda 11 de Dezembro de 1829.

O Secretario da Camara.
Manoel da Motta Silveira.

Escravos Fugidos.

NO dia Segunda feira 14 de Dezembro pelas 8 horas da manhã, fugio hum negro de nome Nicolao, Creôlo bom Canoeiro e taõbem entende de jangada, alto magro, bem barbado, cabeça, pequena, cara comprida naris xàto buços alguma couza groços, espadaudo, as maõs calejadas os dedos como entrevados, isto hè naõ abre bem, ficando com elles curvos, canellas finas, pès largos, e os dedos taõbem encolhidos; alguus lhe xamaõ Joze Nicolao de S. Anna, muito parlador, tocador de violla joga espada canta sofrivel, e dança; levou xapeo fino preto velho, e outro de palha, calça branca jaqueta azul, camiza de morim e hum saco com a roupa seguinte cazaca preta velha, outra azul cortada calça de panno preto, e outra de gazimira, cor de vinho, calcas de brim, e camizas finas; todos os apreendedôrres poderaõ agarrallo e levallo a Botica do Hospital Militar a seu Sr. Joze Luis Innocencio Pogge, que serà bem recompençados do seo trabalho, e quem delle tiver noticia avizando o dito Sr. serà gratificado.

Pernambuco na Tipografia do Diario.